

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A Construção dos sentidos no Gênero Editorial dos Jornais Impressos

Bolsista: Suelen Regina Aguiar Rocha, FAPEAM

Manaus

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA-0062/2012

A Construção dos sentidos no Gênero Editorial dos Jornais Impressos

Bolsista: Suelen Regina Aguiar Rocha, FAPEAM

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Sandra Campos

Manaus

2013

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas.

## RESUMO

O Projeto de Pesquisa Científica (PIBIC/2012-2013), A Construção dos Sentidos no Gênero Editorial dos Jornais Impressos, tem como proposta analisar a linguagem como produto da sociedade e suas maneiras de significar, ou seja, de produzir sentidos no contexto social, uma vez que a linguagem passa a ser vista como produto social e ideológico. Pautado na teoria de Análise do Discurso, tem como objetivo investigar o processo de construção dos sentidos no contexto social através do Gênero Editorial em jornais impressos da cidade de Manaus, e a intencionalidade no posicionamento crítico dos jornalistas. Para tanto, analisa-se o discurso jornalístico sem desconsiderar a tríade relação língua-ideologia-história e busca reconhecer a importância do estudo dos processos ideológicos e discursivos na construção dos sentidos nos sujeitos no contexto social. Esta pesquisa está sendo feita através de levantamento bibliográfico e de coleta de dados dos jornais impressos semanais da cidade de Manaus, o jornal 'A Crítica' e o 'Amazonas em tempo'. Está sendo destacado destes, o Gênero Editorial e verificado a intencionalidade com foco na posição do Jornalista, para que se possa compreender o processo de construção de sentidos nos sujeitos leitores. O referencial teórico ampara-se em Análise do discurso de Cleudemar Fernandes, Eni Orlandi e Helena Brandão, e de Gêneros do Discurso/Textuais de Dominique Maingueneau e Mikhail Bakhtin e Luiz Antonio Marcushi. Como resultados espera-se discutir o posicionamento ideológico do jornalista como formador de opinião e a sua adequação da escrita ao uso da língua nas relações de poder, dando sentidos aos leitores, e perceber a língua como produção social e realizada numa formação discursiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso; construção dos sentidos; gênero discursivo.

# SUMÁRIO

|   |              |
|---|--------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>6-7</b>   |
| <b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....  | <b>8-9</b>   |
| <b>1- DO GÊNERO À ANÁLISE: TEORIAS E APLICAÇÕES</b>   |              |
| 1.1 - O DISCURSO.....   | 10-11        |
| 1.2- DEFININDO GÊNERO TEXTUAL.....  | 12-14        |
| 1.3 O GÊNERO DISCURSIVO .....   | 15-17        |
| 1.3.1 GÊNERO TEXTUAL/JORNALÍSTICO.....  | 18           |
| 1.3.2 EDITORIAL.....  | 19           |
| 1.4 INTENCIONALIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS (PECHEUX E P.<br>CHARAUDEAU).....               | 20-21        |
| <b>2 - ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NOS EDITORIAIS: PROPOSTA<br/>E RESULTADOS</b> ..... | <b>22-24</b> |
| <b>FONTES E REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>25-27</b> |
| <b>CRONOGRAMA</b> .....   | <b>28</b>    |

## INTRODUÇÃO

A língua como instrumento da comunicação, concentra-se em uma relação de decodificação da linguagem entre locutores. Uma das áreas de estudo da linguística que trata as diversas maneiras de significar a língua, não focando na gramática, mas no discurso e na produção de sentido é a Análise do Discurso. O trabalho do analista da língua está em verificar percebê-la como língua em movimento e produto social e histórico, e a partir daí, reconhecer as relações de sentidos produzidas nos textos. A pesquisa com base teórica em Análise do Discurso possibilita a observação dos processos e mecanismos da constituição de sentido e sujeitos presentes no gênero Editorial dos jornais impressos. Este projeto tem como proposta analisar a linguagem como produto da sociedade e suas maneiras de significar, ou seja, de produzir sentidos no contexto social, uma vez que a linguagem passa a ser vista como produto social e ideológico.

O jornal funciona como promotor de discursividade. No Editorial, pode-se perceber a postura política/crítica do jornal ('dono' do jornal). Sendo um texto de abertura e apresentação da edição, o produtor do editorial opina sobre o tema central (reportagem mais importante dos cadernos) e introduz as demais reportagens. O sujeito leitor é interpelado inconscientemente a aderir uma postura crítica e se deixa ser persuadido pelo escritor.

O presente projeto tem como metodologia: pesquisa bibliográfica, coleta de dados e análise dos dados coletados, no caso os editoriais dos jornais impressos A Crítica e Jornal Amazonas em Tempo, totalizando 24 editoriais de cada veículo jornalístico para posterior análise e visa questionar e esclarecer: "Qual a importância de se estudar o processo de produção dos sentidos no gênero editorial no discurso jornalístico?". Ao responder esses questionamentos entende-se o papel do jornalista como formador de opiniões e, o da linguagem, sendo a materialização dessa informação.

Para problematização da pesquisa, este trabalho será dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo tratará sobre a apresentação das teorias e as aplicações do discurso, a conceituação bakhtiniana e de seu Círculo, e dos Pesquisadores da Universidade de Genebra, ao passo da constituição do Gênero do Discurso e do Gênero textual e o seu desdobramento, os Gêneros Textuais

(Marcuschi, 2005). Para concluir, a consolidação da teoria de Análise do discurso com base em Fernandes (2007) e Orlandi (2003).

No segundo capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos e os resultados obtidos em algumas análises dos editoriais dos dois jornais coletados, A Crítica e Amazonas em Tempo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo por base a teoria de Análise do Discurso para que se possa compreender e analisar discursivamente o editorial, a proposta de pesquisa partirá da compreensão e a mediação entre interdiscurso, memória e história para que se estabeleça o reconhecimento da língua como produção social e processo discursivo na construção de sentidos nos sujeitos. O trabalho de pesquisa tem como embasamento teórico textos de Eni Orlandi Puccinelli, Cleudemar Fernandes, Inês Signorini, Anna Christina Bentes e Fernanda Mussalim. É de grande relevância também o trajeto da Análise do discurso dos autores Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau. Será feita a trajetória do estudo da linguagem de Ferdinand de Saussure sobre os signos linguísticos a Mikhail Bakhtin, os Gêneros do discurso e, Luiz Antônio Marcuschi, a noção de Gêneros Textuais.

Um dos teóricos utilizados na pesquisa é Eni Orlandi. A pesquisadora estuda a linguagem não como um sistema, mas nas suas maneiras de produzir sentidos aos leitores ou interlocutores, em que a “Análise do Discurso critica a prática das Ciências Sociais e a da Linguística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua.” (2003, pag.16). A materialização específica da ideologia é o discurso e a materialização específica do discurso é a língua, focaliza-se dessa forma a relação tríade língua-discurso-ideologia. O discurso jornalístico é abastecido de ideologias do autor, da sociedade, da memória histórica e isso é repassado nos gêneros presentes no jornal impresso.

Por ser a língua um campo heterogêneo, são possíveis vários efeitos de sentido, posições discursivas diferenciadas, que o campo discursivo oferece. O jornal é um desses lugares discursivos que possibilita a recriação e geração de novos posicionamentos. Para que possa caracterizar e reconhecer o discurso e o processo ideológico nos editoriais dos jornais impressos, servirá com base teórica os autores Mikhail Bakhtin em Gêneros do Discurso no desdobramento em Gêneros Textuais de Luiz Marcushi.

A construção de sentidos está intimamente relacionada com os processos sócio-históricos e ideológicos dos sujeitos participantes. Para tanto, reconhecer essa trajetória linguística, será preciso conceituar a teoria de Análise do Discurso, com



base em Eni Orlandi Puccinelli, Cleudemar Fernandes, Inês Signorini, Anna Christina Bentes e Fernanda Mussalim. Por último, as pesquisas de Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau que se delimitaram ao estudo comunicacional dos gêneros propostos por Bakhtin. Percebe-se com essa pesquisa que o gênero editorial possibilitará a análise dessa construção de sentido e dará subsídios para compreensão do papel do jornalista como formador de opiniões de confronto e conciliação com os ideais pré-existentes socialmente

# 1 DO GÊNERO À ANÁLISE: TEORIAS E APLICAÇÕES

## 1.1 O DISCURSO

Se a o homem enuncia avaliando as condições sociais e históricas a que está submetido, isso decorre porque ele é participante ativo de processos históricos. Um texto é o produto concreto da atividade comunicativa, por sua vez, a fala é o uso concreto da língua. O homem produz sentido aos enunciados a partir do seu conceito de mundo, de sua realidade enquanto grupo social.

O discurso será, "[...] toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só um conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – como também o evento de sua enunciação. [...]" (TRAVAGLIA, 1998, p. 67). O Discurso é em virtude disso, um acontecimento que possui discursividade e produz efeitos de sentido entre os interlocutores. Se o discurso é o acontecimento, o texto, a materialização desse discurso, será sua realização linguística (FAIRCLOUH, 1992 apud MEURER, 2005, p. 87). Muito além, levando em consideração que a partir de um ato enunciativo, real e único, o falante produz interatividade com seus interlocutores. E vendo que a língua ou o ato discursivo não é neutro, pois ao falarmos nos apropriamos de enunciados alheios e modificamos sentidos, têm-se uma intenção comunicativa, nesse processo interativo da linguagem, o discurso torna-se um produto ideológico.

Deixa-se de lado a dimensão de língua como um conjunto de signos, passa-se a vê-la em sua dimensão enunciativa. Se ao falar, o indivíduo pretende prever certo confronto ou semelhança de sentidos, na busca de modificar o discurso do outro, esse está associando a língua ao discurso. Vista neste ângulo, a língua "[...] não pode ser dissociada de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos. [...]" (RODRIGUES, 2005 p.156).

Discutir ideologia é prestar-se a entender seu papel ao longo da história. De uma concepção explicativa da história e cultura, para aspectos ligados a política e a alienação. Pensar que Ideologia é apenas a representação de uma realidade ou cultura é trabalhá-la de forma isolada ou neutra. O que se vê é que a noção de ideologia abarca a expressão de um determinado interesse, um ponto de vista sobre

a realidade (DUNKER, 2008 p.186). Usamos o discurso imbuído de valores ideológicos com papel de inverter uma situação para que se crie uma ao seu favor.

Ao falar, o indivíduo usa mecanismos para comunicar, informar, convencer ou persuadir. Seu discurso é modelado de acordo com a situação de interação, pelos domínios discursivos. Entende-se domínio discursivo como o local de onde se fala. Pode-se falar de discurso poético, discurso religioso, discurso jurídico, discurso jornalístico etc., todos esses possuem características próprias, estilo, composição e por fim, uma finalidade. Não é aconselhável prever o discurso como neutro, pois todo “discurso subjaz a uma ideologia” (KOCH 2002 p.17), portanto, o texto/enunciado (cf. BAKHTIN, 1953), é a materialização de um conjunto ideológico, possui uma intenção comunicativa na troca dialógica entre os indivíduos falantes.

O discurso com prática social, e conseqüentemente, o texto, passa a ser analisado como unidade concreta da língua, presente em diversas instâncias de atividade humana. Esse enunciado possui conteúdo temático, estilo e construção composicional e torna-se estável no campo em que é produzido. Tendo por base Mikhail Bakhtin (2003), o emprego da língua realiza-se em enunciados/textos proferidos por indivíduos de um determinado campo de atividade humana, este que o ancora em tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais o autor denomina por gêneros do discurso.

## 1.2 DEFININDO GÊNERO TEXTUAL

Roxane Rojo (2008), em seu artigo “Gêneros de discurso/ texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *Trivium?*”, faz uma abordagem histórica do conceito de gênero do discurso/textual e apresenta teorias provenientes e analistas desse conceito.

Os Gêneros do discurso (Bakhtin) centram-se no estudo das situações de produção dos enunciados/textos e em seus aspectos sócio-históricos; os gêneros textuais centralizam-se na descrição da materialidade textual, nas condições sócio-discursivas.

Pesquisadores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, Schneuwly, Dolz, Adam e Bronckart, defendem “que o texto é formado por sequências” (KOCH 2003, p. 56), a que seriam a narrativa, descritiva, injutiva, argumentativa etc e cabe ao sujeito falante escolher uma dessas para expressar-se em função das circunstâncias sociais. Isso não quer dizer que estes analistas não trabalhem a noção de gênero. Para eles, o gênero segundo a perspectiva Bakhtiniana, ainda é dotado de tema, estilo e composição, e sua compreensão ocorre através da produção de elementos de sua situação de produção de elementos de sua situação de produção, os gêneros são cristalizados na esfera discursiva. O gênero é trabalhado no campo da produção textual, materialização do discurso. Schneuwly (1994 apud KOCH 2003 p. 55), considera o gênero como uma ferramenta para a relação mediada entre falante e ouvinte, visto como um (mega)instrumento. Rojo (2008) critica que esse modelo de gênero pode acabar por transformar-se em apenas referências como ocorreu com a utilização de tipos textuais na linguística textual.

Bronckart (1994 apud ROJO 2008 p. 55) diz que “uma ação de linguagem exige do agente produtor uma série de decisões”, uma seria a escolha do gênero, essa escolha deverá levar em conta a intenção, a esfera social e a importância dos participantes. Dessa forma, Bronckart aproxima-se da teoria Bakhtiniana, mas afastar-se ao atribuir ao termo intertexto, o reservatório de modelos textuais, tipos de discurso. Como se os textos não admitissem modificação. Essa teoria assemelha-se a Adam, em considerar o gênero representado em textos sequenciados, para Adam (1990 apud ROJO, 2005, p.192), sequências não são gêneros, mas particularidades encontradas em todos os gêneros. Para estes pesquisadores, os gêneros textuais,

em vez da terminologia Gêneros do discurso, são famílias de textos que possuem similaridades, seja no campo de estilo, tema e composição ou na apropriação similar de sequências textuais.

A definição de Gênero Textual por Marcushi se divide entre a teoria dos pesquisadores de Genebra e os Russos. O que Marcushi (2005) tenta afinal é conceituar gênero nessas duas perspectivas e centralizar-se no trabalho do uso da língua como prática social.

Marcushi (2005, In. DIONÍSI, 2005, p. 19) faz distinção de gênero, texto e tipo textual. Gêneros Textuais “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Assim, pode-se encontrar variedades de gêneros em diferentes esferas discursivas. Os gêneros caracterizam-se por sua finalidade e por aspectos sócio-comunicativos, o que determinará o surgimento desse gênero serão as novas tecnologias, o suporte em que se encontra, a esfera social em que são produzidos.

Parte-se de que a comunicação verbal só é possível através de algum gênero textual, ou seja, da sua materialização em texto. O texto seria a “unidade concreta materialmente e corporificada em algum gênero textual” (MARCUSHI, 2005 Ibid., p. 24). A expressão tipo textual, tendo por base as teorias genebrinas designa tipos de sequências textuais.

Marcushi (2005) distingue gêneros textuais de tipos textuais, a fim de reconhecer o gênero como realização do discurso e dissolver as concepções escolarizadas, a argumentação, a descrição, a narração etc. Estes tipos de textos que não consideram as situações de produção e circulação dos textos, mas delimitam-se a formalidade da língua, suas regras, tornando-se um conjunto limitado de categorias teóricas.

| TIPOS TEXTUAIS  | GÊNEROS TEXTUAIS   |
|---|--|
| 1. constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;      | 1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;      |
| 2. constituem seqüências linguísticas ou seqüências de enunciados no interior dos | 2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas |

|   |   |
|---|---|
| gêneros e não são textos empíricos  |   |
| 3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal; | 3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;  |
| 4. designações teóricas dos tipos narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.  | 4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta-pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais, etc.. |

Tabela 01: Distinção entre gênero textual e tipo textual (MARCUSCHI In. DIONÍSIO, 2005, p. 23).

Ao analisar gênero de tipo, percebe-se que o gênero constitui um número ilimitado de textos materializados, já o tipo textual uma meia dúzia de categorias reconhecidas pela natureza linguística.

O estudo tipológico/sequencial por base Adam/Bronckart designa um reconhecimento das particularidades dos gêneros. Tipo de discurso (Bronckart, 1997 apud ROJO, 2005, p.187-192) / sequências textuais (Adam, 1990 Ibid.) que se apresentam nos gêneros e lhe dão sentido e funcionalidade. Um gênero pode ser composto de vários tipos textuais. Sabe-se que ainda é caracterizado pelo seu conteúdo polifônico e dialógico (Bakhtin, 2003 [1953]), o gênero é heterogêneo. Ao escrever uma carta pessoal (gênero) pode se usar sequenciais tipológicas, a descritiva para designar local, a expositiva para divulgar os fatos, etc. A delimitação de texto a uma única função, desconhecia ou forjava a essência do texto. Via-se que “texto argumentativo” poderia prover apenas de características da argumentação, opinativas, mas esquecia-se que em seu corpo textual poderia compor-se da descrição. Texto é apenas enunciado em uma realização concreta da língua, mas sua estabilidade, sua composição e finalidade o transformam em gênero textual.

#### 1.4O GÊNERO DISCURSIVO

Analisar a linguagem é buscar relacionar sujeitos e discursos, língua e história. Pois a linguagem não é transparente, possui traços ideológicos repassados na sociedade devido a interdiscursividade do discurso de seus interlocutores. Entende-se, também que o discurso é um ‘aparelho ideológico’ e que para Análise do discurso o que deve ser questionado é o lugar ideológico onde são enunciados os discursos. E por ser um campo heterogêneo são possíveis vários efeitos de sentido, posições discursivas diferenciadas, que o campo discursivo oferece. O jornal é uma desses lugares discursivos que possibilita a recriação e geração de novos posicionamentos de interesses, pela relação de sentidos direcionada pelas relações de poder. A construção de sentidos está intimamente relacionada com os processos sócio-históricos e ideológicos dos sujeitos participantes. O gênero editorial possibilitará a análise prescritiva dessa construção de sentido e dará subsídios para compreensão do papel do jornalista como formador de opiniões de confronto e conciliação com os ideais pré-existentes socialmente.

A teoria dos Gêneros do Discurso começa a se desenvolver, tendo ou não como precursor o pensamento dos russos, a partir das discussões de Bakhtin e seu Círculo. Para o autor, os gêneros do discurso e suas formas “são bem mais flexíveis e combináveis, plásticas, mais sensíveis e ágeis às mudanças sociais do que as formas da língua”. (RODRIGUES, 2005, p. 167). Os gêneros são também tipos temáticos, estilísticos e composicionais de enunciados únicos que podem se desenvolver pela necessidade ou ampliação do campo da comunicação, e apresentam características próprias da esfera em que se encontram todo gênero possui um objeto discursivo e uma finalidade.

Mikhail Bakhtin e seu Círculo de estudiosos russos (1980 [1920] apud RODRIGUES, 2005, p. 8), limitaram em suas pesquisas a tratar da língua no seu aspecto sócio-histórico, sem muito preocupar-se com sua aplicação. Mas é a partir de suas teorias que se pode perceber o tratamento com a definição de gênero, caracterizando seu conteúdo temático, sua conclusibilidade, sua intenção ou vontade discursiva e sua relação dialogal com outros enunciados, a importância dos procedimentos para que se configure a organização e a relação dos participantes da comunicação discursiva (RODRIGUES, 2005, p.167), ou seja, para que se entenda o gênero e o trabalho com toda sua materialização em forma de texto.

A definição de Gênero Textual por Marcushi se divide entre a teoria dos pesquisadores de Genebra e os Russos. O que Marcushi (2005) tenta afinal é conceituar gênero nessas duas perspectivas e centralizar-se no trabalho do uso da língua como prática social.

Marcushi (2005, In. DIONÍSIO, 2005, p. 19) faz distinção de gênero, texto e tipo textual. Gêneros Textuais “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Assim, pode-se encontrar variedades de gêneros em diferentes esferas discursivas. Os gêneros caracterizam-se por sua finalidade e por aspectos sócio-comunicativos, o que determinará o surgimento desse gênero serão as novas tecnologias, o suporte em que se encontra, a esfera social em que são produzidos.

Reconhece-se a esfera discursiva a que esse texto se submete, a individualidade do escritor e a função discursiva a que se propõe determinado enunciado. Sabe-se, portanto, que como diria Marcushi (2005), o que determina o gênero não é a sua estrutura formal, e sim, seus participantes em relação a uma intenção comunicativa, a sua tematização, e é claro, a sua esfera e seu suporte. Alterar o suporte de um gênero pressupõe modificar o gênero em sua totalidade funcional. Os gêneros apresentam estabilidade em dada esfera de situação comunicativa devido a sua característica discursiva, sua função. Aproxima-se do gênero por encontrá-los em suportes textuais, o livro, o jornal, a revista. Todos esses são considerados suportes e, abrangem um número limitado de gêneros cada um possuindo uma intenção funcional. A esfera jornalística é um exemplo de domínio discursivo que cria diversos gêneros, a estes, chamam-se de gêneros jornalísticos. Os textos jornalísticos podem ser difundidos no suporte mídia, suporte revista, suporte jornal etc. Os textos aparentemente com a mesma similaridade destinam-se a públicos diferentes, são eles as notícias, as reportagens, carta do leitor, entre outros. Estudar esses tipos de gêneros faz que se ponham em prática em sala de aula as teorias até aqui discutidas em prol do uso efetivo da língua como instrumento de prática social.

Tendo por base a Análise do Discurso Francesa, considera-se que os sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que o direciona ao que poderá ou não dizer em determinadas ocorrências sócio-históricas. Outro fator importante é a noção de enunciado e enunciação, o primeiro refere-se às condições de produção do discurso, permitindo a escolha dos discursos a serem utilizados, determinados



pelo contexto histórico-ideológico e a representações possíveis ao sujeito pela posição que ocupa ao enunciar. A segunda, a enunciação, seria o produto do enunciado, para Pêcheux a “superfície discursiva resultante dessas condições”.

A análise do discurso considera que a língua não é transparente, pois sua produção de sentido parte do texto e não está somente nele, é necessário que aquele que a recebe, no caso o destinatário atribua sentidos àquele texto para que este se torne compreensível. Não se pode atribuir que ao enunciar, o sujeito seja portador de um sentido estável, pois a pessoa que interpreta qualquer enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o sentido do enunciador possui semelhanças com que foi reconstruído pelo destinatário. A recepção se difere do sentido original. É por esse motivo que muitos textos jornalísticos ao serem lidos são interpretados de diversas formas, como censura, como informativo, crítico e sensacionalistas. Depende do contexto que aquela obra está inserida e da representação feita pelos seus ‘leitores’.

Apreende-se que os jornais não são neutros, assim o estudo da língua, possuem a fala atrelada a interesses comerciais, existe determinação alheia na seleção do que vai ser ‘impresso’ para a sociedade, a linguagem nos revela e todo sujeito é ideológico, o que escreve, o que recebe e modifica é de cunho ideológico. A língua se materializa na ideologia e nas palavras dos sujeitos, e o discurso é o lugar, não físico, mas aberto, em que se produz o discurso, o lugar constitutivo do que ele diz.

Segundo Fernandes (2007), no estudo linguístico além da definição de discurso, existe a “noção de sentido compreendida como um efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução (sujeitos se manifestando por meio do uso da linguagem).” Esses sentidos seria a produção em decorrência da ideologia dos sujeitos em questão, da forma como compreendem a realidade em que vivem, seja ela política ou social em qual estão inseridos.

#### 1.4.1 GÊNERO TEXTUAL/JORNALÍSTICO

Para tanto, analisar esses discursos, mas precisamente, analisar o discurso em forma de gênero textual/jornalístico, editorial, implica interpretar os sujeitos falando, agindo, interagindo e tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas produções sociais. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. A ideologia vai se materializar no discurso desses interlocutores, no caso no discurso político, ambiental, econômico, etc que estão presentes no gênero editorial. Os leitores compreendem ao seu modo àquilo que leem e constroem sentidos críticos e particulares, levando ou não em consideração a opinião do produtor do editorial.

Os diferentes discursos relacionam-se não de forma independente, mas regulada no interior de interdiscurso, daquilo já-dito e pré-estabelecido devido à razão ideológica imposta ao discurso. E a formação ideológica, sendo heterogênea confronta com outros discursos, porém como Bentes (2004) diz, “numa formação ideológica, as forças não precisam estar necessariamente em confronto; elas podem entreter entre si relações de aliança ou dominação”. E a o lugar onde se articulam discurso e ideologia é a formação discursiva, governada por uma formação ideológica.

A pesquisa científica da linguagem torna possível reconhecer nos gêneros a interferência da ideologia exterior ao texto e ao escritor, como condição para constituição do sujeito e dos sentidos em textos jornalísticos, pautada na análise do Gênero Editorial, apresentado este, uma carga sócio-histórica perpassada pela memória discursiva de seus agentes criadores.

### 1.3.2 EDITORIAL

O editorial é um gênero jornalístico de cunho opinativo. Sendo um elemento do jornalismo opinativo que expressa o ponto de vista (seja ideológico, político ou econômico) do jornal.

Em geral o editorialista (profissional responsável pela redação do editorial) não é uma pessoa, mas um grupo de pessoas, que partilha da mesma ideia sobre determinado tema. Estes profissionais possuem a tarefa de passar aos leitores a visão do jornal, que como dito anteriormente, vai depender de diversos fatores como ideologia do jornal, interesses de terceiros (financiadores e acionistas, por exemplo), público alvo, entre outros. Porém a intenção primordial do escritor pode ser diferenciada daquela que o leitor irá criar a partir da leitura do Editorial.

O editorialista possui como função articular um discurso que consiga conciliar as opiniões da empresa jornalística, no caso, o jornal escrito. Sua função parte do posicionamento à frente aos temas polêmicos, aderindo ou rejeitando aos assuntos que estão em foco em âmbito local, nacional ou mesmo internacional.

#### 1.4 INTENCIONALIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS (PECHEUX E P. CHARAUDEAU)

A proposta de análise do discurso de Patrick Charaudeau define-se em função de um desafio básico: articular as dimensões psicossociológicas envolvidas num ato de linguagem, sendo elas, a identidade e os papéis sociais dos interlocutores, as relações sociais em que estão inseridos, os objetivos, as representações e as expectativas dos parceiros. Além das dimensões propriamente linguísticas ou languageiras, condicionadas pela sociedade, que vão caracterizar a análise do discurso, com as propriedades formais e semânticas do discurso em questão.

Segundo Charaudeau, suas perspectivas em Análise do Discurso estão no antemão de descrever a linguagem como um jogo de significação. Dessa forma, o autor (1996, p.20), “descreve os fatos da linguagem como se fossem portadores de um só jogo de significação da parte de um só sujeito falante” sendo que, ao contrário, esses fatos “são portadores de vários jogos e eles testemunham um sujeito complexo, na verdade, dividido”.

A interação social entre sujeitos está sujeita às estratégias de fala usadas para os indivíduos comunicarem-se uns com os outros. O ato de linguagem é definido pela reação constante dos indivíduos às estratégias de fala uns dos outros, pois nesse jogo de falas, avaliam e reavaliam as identidades e as intenções dos interlocutores, definem e redefinem a natureza do contrato no qual estão colocados, e a porventura, constroem em conjunto o ato de linguagem. Trata-se, portanto, de um jogo socialmente condicionado, mas que ainda não é previsível, da busca do reconhecimento do direito à fala que o discurso se define.

Para Charaudeau, o texto é uma representação do resultado material do ato de comunicação e seu produto final resulta das escolhas conscientes ou inconscientes feitas pelo sujeito falante dentre as categorias de língua e os modos de organização do discurso, em função das restrições impostas pelo domínio discursivo. O autor se preocupa não apenas com os aspectos linguísticos, mas segue pelo viés comunicacional, já dando destaque à intenção, à qual se refere como “escolhas conscientes ou inconscientes”.

A análise do discurso de M. Pêcheux considera que a língua não é transparente, pois sua produção de sentido parte do texto e não está somente nele, é necessário que aquele que o receptor, no caso o destinatário atribua sentidos àquele texto para

que este se torne compreensível. Não se pode atribuir que ao enunciar, o sujeito seja portador de um sentido estável, pois a pessoa que interpreta qualquer enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o sentido do enunciador possui semelhanças com que foi reconstruído pelo destinatário. A recepção se difere do sentido original. É por esse motivo que muitos textos jornalísticos ao serem lidos são interpretados de diversas formas, como censura, como informativo, crítico e sensacionalistas. Depende do contexto que aquela obra está inserida e da representação feita pelos seus 'leitores'.

Para M. Pêcheux, a língua é assim condicionada pelas possibilidades do discurso, a relação entre língua e discurso é de recobrimento, não havendo uma separação estável entre eles. Em suma pode-se compreender que a Análise do Discurso de Pêcheux visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos.

Para o estudo da intencionalidade, é necessário compreender que todo texto tem e é motivado por uma finalidade. Dessa forma, é possível seguir em duas vertentes: a primeira diz respeito à escolha do gênero textual empregado: a intencionalidade genérica refere-se às funções e intenções típicas do gênero textual em uso; a intencionalidade específica, ao modo com que o gênero literário é usado e com que finalidades. Outra perspectiva é analisar se as intenções são claras e definidas, caracterizando assim a intencionalidade explícita, ou se a intenção só poderá ser destacada por meio de recursos linguísticos como a escolha dos enunciados, se existe sentido figurado ou ironia, isso que caracteriza a intencionalidade implícita.

Os efeitos de sentido que o texto pode provocar no leitor, como a compreensão, a consideração e a reação, para serem compreendidos dependem da construção de sentidos, que é proporcionada pela intenção do locutor, e pela aceitabilidade do interlocutor, na interação a partir do discurso.

Além disso, é importante destacar que a intencionalidade e a aceitabilidade são importantes na interação verbal, pois são elas que facilitam a construção de sentidos, por no ato de linguagem proporcionar o maior nível de inferências e relações com outros textos e contribuir para a intertextualidade.

## **2 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NOS EDITORIAIS: PROPOSTA E RESULTADOS**

A pesquisa foi feita através de levantamento bibliográfico e de coleta de dados dos jornais impressos semanais da cidade de Manaus. Os jornais impressos analisados serão o jornal 'A Crítica' e o 'Amazonas em tempo'. Foi destacado destes, o Gênero Editorial e verificado a intencionalidade com foco na posição do Jornalista, para que se possa compreender o processo de construção de sentidos nos sujeitos leitores. Após essa coleta, alguns editoriais foram analisados, neles realizou-se o reconhecimento das relações de sentidos presentes no Gênero Editorial, vinculadas à teoria de Análise de Discurso. As análises estão ocorrendo de forma mensal desde outubro e vão até maio de 2013, sendo que tem por base teórica a teoria dos Gêneros do Discurso/Gêneros Textuais para analisar a tipologia textual, no caso, as características dos editoriais. Para compreensão da construção de sentidos, a que o projeto se destina, a base teórica está no estudo da Análise do Discurso.

Para averiguação dos dados coletados, os editoriais analisados, A Crítica e Amazonas em Tempo. O discurso apresentado no jornal A Crítica está voltado para a questão política a fim de proporcionar a fomentação de informação sobre os então candidatos a prefeito e vereadores à cidade de Manaus. Este, faz levantamento de dados estatísticos para dar veracidade ao seu teor opinativo, o editorial da A Crítica não é assinado, dando liberdade de opinião adversativa e crítica. Já os editoriais do Jornal Amazonas em Tempo apresentam diversificação na questão discursiva, estão mais preocupados com a variedade de assuntos do cotidiano, falam sobre redes sociais, sobre política também. Os textos geralmente apresentam figuras de linguagem, a mais utilizada é a metáfora. Os editoriais seguem a regra de não serem assinados, objetivando a liberdade de expressão do escritor.

Os editoriais do jornal A Crítica apresentam texto essencialmente opinativo, com coletas de dados do censo. A estrutura do texto é dividida em introdução, parágrafo corrido, desenvolvimento e uma conclusão em que há a presença opinativa do escritor, com uma justificativa, uma resolução do problema ou um questionamento. A diferenciação e que marca a caracterização estrutural de um gênero editorial, o texto da A Acrítica traz a o lançamento da reportagem mais importante do Jornal, daquela

edição. Essa reportagem pode ser o tema de outras notícias ou reportagens dos demais cadernos, mas o autor faz questão de apresentá-la, dando o esclarecimento da temática do editorial.

Os editoriais do Jornal Amazonas em Tempo são textos opinativos, texto de caráter dissertativo. Apresenta introdução, opiniões contrárias ou favoráveis no desenvolvimento e uma conclusão com a resposta do questionamento/problema explicitado pelo escritor. Alguns editoriais têm um questionamento final, como se o leitor fosse levado a pensar sobre o assunto e tirar suas próprias conclusões. O corpo do texto é alegórico, com muitas metáforas, teor crítico sem muitos dados coletados e não possui nexos nenhum com as demais reportagens, não é um texto de apresentação da edição e sim um artigo de opinião de algum tema, não necessariamente, oriundo de algum caderno. Linguagem familiar, traços do escritor, como se pudesse promover interação instantânea com os leitores.

Sobre a construção de sentidos podemos perceber que os autores tanto da A Crítica escrevem de acordo com uma dada formação discursiva, ou seja, referem-se ao que se pode dizer em uma determinada época ou espaço social, como se viesse a regra de aparição e as estratégias opinativas definem a época situacional que o autor quer destacar. Tanto que possibilita a aproximação com as demais reportagens, uma introdução das chamadas principais, fazendo com que o leitor tenha um contato preliminar das demais leituras. Já o Amazonas em Tempo, apesar de está presente em uma formação discursiva, seus textos são mais voltados para retomar uma memória discursiva, algo que fora do contexto principal abordado pela edição. Ambos jornais, possuem diferentes discursos em seu corpo editorial, diferentes momentos da história, entrelaçamento de diferentes contextos que servem de base e veracidade da temática exposta.

A construção de sentido é produzida em face aos lugares ocupados pelos interlocutores. A materialização desses sentidos é o texto, no caso escolhido, o editorial. Toda ideologia da empresa ou do escritor está presente nos textos, o que não lhe torna neutro. A análise destina-se a evidenciar esses sentidos do discurso jornalístico do autor do editorial, tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção. Sabe-se que toda palavra produzida é dotada de sentidos, mas esses sentidos do locutor são renovados através da leitura, compreensão e expressão dos interlocutores. Então, o leitor leigo ou que conhece cientificamente o

assunto, vai atribuir ao editorial um sentido particular. O sentido será de fato a imanência significativa atribuída ao texto pelo leitor.

A princípio, os editoriais dos jornais em pesquisa apresentaram muitos traços particulares dos escritores. Apesar de não nomeados, é fácil a percepção de expressões através de exclamações, busca de interação com os participantes e indignação por parte do escritor.



## FONTES E REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: Carneiro, Agostinho Dias (org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Discurso e Ideologia. In: SIGNORINI, Inês. (orgs); BENTES, Anna Christina. et al. **[RE] Discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BONINI, Adair. Os gêneros do Jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A.M; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.L. (orgs). **Gêneros Textuais Reflexões e Ensino**. 2 ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

\_\_\_\_\_. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel

Adam. In: MEURER, J; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). **Gêneros teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CORREA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social: visões da linguística moderna**. São Paulo. Parábola. 2002.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2 ed. São Carlos. Claradez. 2007.

MARCUSHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A.M; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.L. (orgs). **Gêneros Textuais Reflexões e Ensino**. 2 ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais e Ensino**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos da comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MEURER, J.L. Gêneros Textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). **Gêneros teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A.M; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.L. (orgs). **Gêneros Textuais Reflexões e Ensino**. 2ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina (orgs). **Análise do Discurso**. In.: Introdução à Linguística. 4 ed. São Paulo. Cortez. 2004. Cap. 4.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e Procedimentos**. 5ª Ed. Campinas–SP. Pontes, 2003.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). **Gêneros teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SIGNORINI, Inês. BENTES, Anna Christina (orgs). **[re] discutir texto, gênero e discurso.** São Paulo. Parábola Editorial. 2008

## CRONOGRAMA

| Nº | Descrição   | Ago  | Set | Out | Nov | Dez | Jan  | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul |
|----|---|------|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
|    |   | 2012 |     |     |     |     | 2013 |     |     |     |     |     |     |
| 01 | Estudo e Levantamento bibliográfico                 | x    | x   | x   | x   | x   | x    | x   | x   | x   | x   | x   | x   |
| 02 | Coletas de Dados                                    | x    | x   | x   | x   | x   | x    |     |     |     |     |     |     |
| 03 | <b>Análise dos dados</b>                            |      |     |     | x   | x   | x    | x   | x   | x   | x   |     |     |
| 04 | Elaboração do relatório parcial                     |      |     |     |     |     | x    |     |     |     |     |     |     |
| 05 | Apresentação Oral formal                            |      |     |     |     | x   |      |     |     |     |     |     |     |
| 06 | - Elaboração do Resumo e Relatório Final            |      |     |     |     |     |      |     |     |     |     | x   | x   |
|    | - Preparação da Apresentação Final para o Congresso |      |     |     |     |     |      |     |     |     |     | x   | x   |
| 07 | Apresentação Final para o Congresso                 |      |     |     |     |     |      |     |     |     |     |     | x   |